

GAROTAS NO PAÍS DO BOM TOM: A CIVILIDADE ENTRE MANUAIS E REVISTAS¹

*Garotas in the country of good manners: civility
between the manuals and the magazines, and between
the legible and the visible*

*Daniela Queiroz Campos**

RESUMO

A coluna *Garotas* do Alceu foi analisada como dispositivo de texto e imagem que apresenta normas e preceitos de civilidade. Grosso modo, regras de civilidade fazem-se constantes e codificadas nos chamados Manuais de civilidade. No Brasil, na primeira metade do século XX, foram publicadas numerosas edições destes tipo de impresso. Todavia, na segunda metade do mesmo século, fazem-se notórios dois elementos concernentes à circulação destas normativas no cenário nacional: a relativa queda nas publicações dos manuais e a transversalização destas normativas em outros impressos. Dentre livros, novelas, romances, filmes, cartilhas também visualizam o papel desempenhado pelas revistas femininas e de variedades na difusão destas regras de bom-tom.

Palavras-chave: civilidade; revista; imagem; texto

1 O presente artigo foi desenvolvido a partir de pesquisas realizadas durante: Monografia de Conclusão de curso de História – realizada na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha, com bolsa CNPq; Mestrado em História – realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob a orientação da Professora Doutora Maria Lúcia Bastos Kern, com bolsa CAPES; Doutorado em História – realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação da Professora Doutora Maria Bernardete Ramos Flores, com bolsa CAPES. No período de doutoramento foi também realizado estágio doutoral na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) de Paris sob a orientação do Professor Doutor Georges Didi-Huberman, com bolsa CAPES.

* Pós-doutoranda pela EHESS de Paris sob a supervisão do Professor Georges Didi-Huberman e com bolsa consentida pelo CNPq. E-mail: camposdanielaqueiroz@gmail.com

ABSTRACT

The papers discuss the column *Girls of Alceu* as textual and iconographic device that presents norms and precepts of civility. Roughly speaking, rules of civility are constant and encoded in so-called civility manuals. In Brazil during the first half of the twentieth century, one identifies numerous editions of these types of print. However, in the second half of that century, two elements concerning the circulation of these regulations on the national scene becomes notorious: the decrease of manuals' publication, and the mainstreaming of these norms in other print medias. Among books, soap-operas, novels, films, booklets also visualize the role of women's and varieties magazines in the dissemination of these good manner rules.

Keywords: civility; magazine; image; text

RESUMEN

La columna *Garotas* do Alceu ha sido probematizada como dispositivo textual y iconográfico que presenta normas y los preceptos de la civilidad. En términos generales, las reglas de la cortesía se hacen constante y codificadas en los llamados manuales de urbanidad. En Brasil de la primera mitad del siglo XX, visulaiza numerosas ediciones de este tipo de impresión. Sin embargo, en la segunda mitad de ese siglo, se hace notorio dos elementos relativos a la circulación de estas regulaciones sobre la escena nacional: la caída relativa de la publicación de manuales y la incorporación de estas leyes en otros impresos. Entre los libros, novelas, películas, folletos también visualizar el papel de revistas de variedades y para mujeres en la difusión de estas reglas de buen tono.

Palavras clave: cortesía; revista; imagen; texto

O começo de uma história – O Cruzeiro e suas Garotas

Como começar a contar uma história? Começo contando da própria historia que pretendo narrar. Começo por seu início: uma revista. A revista *O Cruzeiro* fez parte do “Império de papel” criado por Assis Chateaubriand, intitulado de *Diários Associados* (Morais, 1994). A revista teve sua circulação iniciada no ano de 1928 e tornou-se, em meados daquele século, a revista de mais ampla circularidade no país. Suas seções de humor, fotorreportagens, contos ilustrados,

páginas dedicadas à mulher transformaram *O Cruzeiro* na grande revista nacional de meados do século XX (Carvalho, 2001). O periódico tornou-se “[...] ao longo da década de 40 a maior revista de toda América Latina, até viver seu apogeu absoluto no início dos anos 50” (NETTO, 1998, p.91). Na década de 1950, o impresso destacava-se como um dos meios de comunicação mais importantes no âmbito nacional. Considerada uma revista de variedades de grande circulação, fazia-se presente em inúmeros lares da classe média urbana e era direcionada à leitura de toda a família (Netto, 1998). E não foi somente a revista a única detentora de sucesso e venda, os *Diários Associados* também o eram.

A revista *O Cruzeiro* era composta por páginas e mais páginas, cerca de 100, entre elas duas eram sempre muito coloridas e divertidas: eram as páginas da coluna *Garotas*. As *Garotas* de *O Cruzeiro*, as *Garotas* do Alceu estamparam as páginas do periódico, em formato tabloide, de 1938 até 1964, e foram editadas semanalmente por ininterruptos 27 anos no mesmo magazine (Gonçalo, 2004). Consistia em uma coluna ilustrada de mocinhas, sobre suas vidas cotidianas, naquele Rio de Janeiro dos meados de século XX. Os textos eram vinculados aos desenhos de Alceu Penna, textos estes assinados diferentes escritores ao longo dos anos de edição (Penna, 2007). Todavia, a titularidade das páginas sempre foi do ilustrador. Alceu Penna².

No ano de 1938, Antônio Accioly Neto, então secretário da revista *O Cruzeiro*, encomendou à Alceu Penna uma coluna de *pin-ups* que deveria colorir e divertir semanalmente duas páginas do

2 O desenhista nasceu no dia 1º de janeiro de 1915, na pequena cidade mineira de Curvelo. Aos 11 anos, foi estudar no Colégio Interno Santo Antônio, em São João Del Rei. Segundo Gonçalo Junior, em seu livro *Alceu Penna e as garotas do Brasil: moda e imprensa – 1933/1980*, desde pequeno, Alceu apresentava o gosto pelo desenho. Com seus vizinhos em Curvelo, o dentista Amédet Peret e sua esposa, o menino aprendeu os primeiros rudimentos do manuseio de pincéis e de como combinar tintas para fazer aquarelas. São esses mesmos vizinhos que descobrem o daltonismo de Alceu. Aos 16 anos, Alceu perdeu o pai, e sua família começou a passar por uma crise financeira. Um ano após a morte do pai, Alceu chegou ao Rio de Janeiro, onde passou a morar com seu primo Alexandre e Maria Isabel, sua esposa. Alceu viveu por bastante tempo na casa de seus parentes, no início localizada na Rua Voluntários da Pátria e depois, na rua Visconde de Ouro Preto, ambas no bairro do Botafogo. Na cidade, iniciou o curso superior de Arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes, que abandonaria no ano de 1937. A escolha do curso foi um meio termo encontrado por Alceu entre a vontade de seu pai e a sua. Durante 5 anos ele cursou Arquitetura, mas sempre freqüentando como ouvinte o curso de Artes Plásticas.

periódico de circulação nacional (Netto, 1998, p.125). As personagens deveriam ser mocinhas jovens e bonitas que contassem um pouco do dia-a-dia da cidade do Rio de Janeiro dos anos dourados (Gomes, 2002). Contassem dos cinemas, das praias, de estudos, de namoricos. Deveriam ser leves, doces, mas, ao mesmo tempo, deveriam ter um toque de “modernidade”, ousadia e humor. As *Garotas*, assim, foram criadas por Alceu Penna, que deu vida e cor à ideia de Accioly Netto. Vida que foi concedida às bonecas através do fino traço do então jovem ilustrador.

As *Garotas* eram jovens, ousadas e modernas. Como colocado pela própria coluna, eram meninas de “vida mansa”, jovens solteiras pertencentes às classes médias e altas. A coluna propagava, para além de tendências de moda e um novo ser moderno, normas de comportamento – as chamadas regras de civilidade. As mocinhas de Penna – solteiras – gozavam de uma “liberdade” ímpar para os padrões da imprensa feminina à época. Estamparam, nas páginas daquela revista, um jeito de ousar seguindo o bom-tom. Estamparam tardes de estudos, passeios, leituras. Estamparam também fofocas, bebedeiras e atrasos. Estamparam a vida de bonecas, bonecas com muitas qualidades e defeitos. Defeitos que quase as tornavam humanas. Elas não eram nem heroínas, nem vilãs. Eram apenas *Garotas* sorridentes e divertidas que encantaram e fizeram sonhar muitos dos leitores e das leitoras da revista *O Cruzeiro*.

A coluna inaugurou a disseminação de novos hábitos de pensamento e vida na educação de mulheres – agora modernas e urbanas (Bassanezi e Ursini, 1995). As *Garotas* eram veiculadas a uma revista de variedade voltada para toda a família, um tanto conservadora. Contudo, podemos perceber uma grande diferença entre as normas difundidas e aceitas pelas *Garotas*, e as normativas de conduta disseminadas tanto pelas demais colunas voltadas para a mulher de *O Cruzeiro*, como pelos preceitos de outras revistas femininas da época (Serpa, 2003). A construção do discurso tanto textual, quanto iconográfico na coluna é no mínimo muito mais permissível. Novos valores foram aos poucos propagados, começando

a surgir um imaginário³ acerca de uma mulher moderna (Bassanezi, 1995).

O tracejar de uma problemática – as normativas de civilidade

A problemática do presente trabalho começar a se desenhar através das normativas de civilidade estabelecidas pela coluna *Garotas*. Na coluna de *pin-ups* assinadas por Alceu Penna, podemos perceber a construção de um modelo a ser seguido, com normas e padrões estabelecidos. Naquelas duas páginas semanais, observa-se a construção de um discurso que aproxima a educação da mulher as praticas de civilidade. Apesar de o texto não ser caracterizado com título específico de “Manuais de civilidade”, em sua circulação – com praticas de leituras entre meninas e mulheres – nota-se codificado um conjunto de regras e padrões desejados e formados por diferentes saberes e discursos. A coluna inaugurou a disseminação de novos hábitos de pensamento e vida na educação de mulheres - agora, modernas e urbanas (Rainho, 2002).

A partir da segunda metade do século XX, é notório no cenário mediático e editorial brasileiro a permeabilidade de normas de condutas e de boas maneiras em impressos que não mais exclusivamente os Manuais de civilidade. A transversalização das chamadas regras de civilidade em uma pluralidade de dispositivos tanto imagéticos, quanto textuais, soma-se com a diminuição de publicações de Manuais de civilidade no cenário nacional. De tal feita, a problemática levantada – as normativas de comportamento transversalizadas em impressos que não mais os Manuais de civilidade – não pode ser considerada uma exclusividade da coluna

3 O conceito de imaginário aqui é entendido de acordo com sua utilização atual pela área de História. Ou seja, ele refere-se a grande variedade de fenômenos referentes a subjetivação do agente histórico. Ver mais em: ESPIG, Márcia Janete. O Conceito de imaginário: Reflexões acerca de sua utilização na História. *Revista Textura*. Canoas, n.9, 2004. P.49-56.

estudada. A problemática pode assim ser considerada corriqueira a época: meados do século XX.

Nos tempos de agora, primeiras décadas do século XXI, assistimos a um fenômeno bastante semelhante ao aqui colocado. Mesmo com considerável alargamento do mercado editorial e barateamento de livros, muito raramente encontra-se alguém lendo ou comprando um Manual de civildade. Notoriamente, este tipo de impresso ainda se faz presente em estante de livrarias e de bibliotecas. Contudo, atualmente constituem elemento raro.

A civildade parece ter se desprendido dos alhures manuais. Para um mau observador, talvez as regras de bem-portar-se já não tenham mais tamanha importância no mundo Ocidental de agora. Contudo, talvez devamos ensaiar atividade investigativa como praticada pelo historiador da cultura e da imagem Aby Warburg: o detalhe (WARBURG, 2015, p.20). Nas telas *O Nascimento de Vênus* e *A Primavera* de Sandro Botticelli Warburg transformou o vento de singular detalhe na grande questão de seu trabalho. Basta visualizarmos revistas, livros, programas de televisão, afixes publicitários para percebemos as normativas de civildade transpostas. Elas apresentam-se como *pathosformel* e *narchleben* warburguiniano. O *Narchleben* de Aby Warburg, ou a sobrevivência de Georges Didi-Huberman (2013), pois essas regras de bem portar-se sobrevivem ao tempo e ao espaço, elas parecem incapaz de desaparecerem por completo. E *Pathosformel* pois a gestualidade também constitui elemento que perdura nessas premissas.

A repetição constante das normativas, em diversos meios mediáticos, aponta principalmente duas questões. Primeiramente, a relevância das regras tratadas para a atual sociedade. E em seguida, a não interiorização da civildade pela população de maneira geral, confirmada pela assiduidade de sua difusão.

O objeto de pesquisa – a coluna *Garotas* – é então assinalado pela codificação das normativas de civildade tanto nos seus textos, quando nas suas imagens. A imagem da coluna *Garotas* pode ser apontada como elemento de permanência na difusão da civildade, sendo que tais imagens – ao longo dos 27 anos de publicação das *Garotas* – sempre estiveram a cargo de Alceu Penna. Algumas alterações estilísticas no período são notórias, no entanto, estas não chegam a alterar as informações que tange o ensinamento de normas

de bem portar-se. Contrariamente, os textos da coluna exibem rupturas no que concerne o ensaiamento de civilidade. Tais normativas tornam-se expressivamente mais diretas a partir de 1957, em decorrência da mudança na autoria dos textos. Desde a edição de 27 de novembro daquele ano os textos das páginas ilustradas por Alceu Penna passaram a serem escritas por Maria Luiza – pontuamos aqui que esta foi a única mulher que participou de forma ativa e direta da coluna durante todo o período de sua circulação (1938-1964). A mudança de autoria ocasionou diversas modificações no conteúdo e na forma dos escritos, entre elas a abordagem mais direta e alargada dos preceitos de civilidade e etiqueta.

Sendo assim, o texto da única coluna *Garotas* que abordou diretamente a civilidade foi de autoria de Maria Luiza. Nas páginas 70 e 71 da edição da revista *O Cruzeiro* de 27 de novembro de 1957 foi publicada a coluna intitulada *Garotas e Etiqueta*. “A etiqueta que o dicionário define como “cerimonial das cortes e da sociedade”, tem evoluído como tudo neste velho e vasto mundo” (*O Cruzeiro*, 1957, p.71). Como de praxe, a civilidade foi associada a sociedade de corte que a afamara, em especial a dinastia francesa do *Bourbons* e, em seguida, a etiqueta foi assinalada como uma sempre boa estratégia de convívio e de postura social.

Alusão à sociedade de corte explica-se pela função simbólica da etiqueta adquirida principalmente com a figura do rei francês Luís XIV. Todo o cerimonial do Palácio de Versalhes conflui para o fetichismo de uma chamada etiqueta da corte. Luís XIV vive numa espécie de teatralização, mesmo os pequenos atos diários inundaram-se de representações de civilidade e etiqueta, que acabaram por transforma-se também no poder da imagem construído por ele (Burke,1994). “A prática da etiqueta consiste, em outras palavras, numa autoapresentação da sociedade de corte” (ELIAS, 2001, p.117).

Essa etiqueta autoapresentada primeiramente foi restringida aos muros palaciais. Elias assinala o alto grau dado a etiqueta, ela consistia em importância vital para os cortesões à época. Com o aburguesamento social tais premissas passam a também figurarem, em menor grau, na vida de homens e mulheres – especialmente nas grandes cidades. “Quase tudo que a sociedade de corte dos séculos XVII e XVIII elaborou, seja a dança, as formas de polidez, os costumes mundanos, os quadros com que enfeitavam casas [...] tudo

isso fica relegado agora, cada vez mais, à esfera da vida particular” (ELIAS, 2001, p.130).

Frédéric Rouvillois assinala a não existência de uma história geral da cortesia, segundo o autor existiriam histórias mais específicas das regras de *savoir-vivre*. Os usos dos ritos, das modas e das regras estão em permanente mudança (Rouvillois, 2008, p.10). A história das regras de comportamento social é longa e não linear. As variações – temporais e geográficas – muitas vezes rápidas, apresentam-se como permanência nos preceitos de civilidade.

A palavra civilidade foi socialmente absorvida no decorrer do século XVIII (Elias, 1994, p.112). Roger Chartier (2004) relata que já no século XVII a palavra marcava-se por seu antigo uso linguístico na aparelhagem intelectual. O historiador analisou três diferentes dicionários de língua francesa para confrontar a definição da civilidade no final daquele século. Na pesquisa deparou-se com diferentes significações dadas a palavra: sinônimo de honesto e de honestidade – Richard (1680); atitude reconhecida em ação e conversação – Furetière (1690) e; por fim, algo ensinado e aprendido desde a infância – Dicionário da Academia (1694).

Para Guereña, o conceito de civilidade é considerado homônimo de urbanidade, uma vez que o conceito se refere às “pessoas cultas da cidade”, às “pessoas que têm boas maneiras” (GUEREÑA, 2005, p.12). Apesar de não considera-las homônimas Roger Chartier (2004) assinala a civilidade como virtude urbana.

Torna-se importante destacar a função da distinção social desempenhada pela civilidade naquele momento histórico. A ampliação e a divulgação efetiva da civilidade ocorreram no final do século XVIII e o início do século XIX (Revel, 1991, p.203), tal divulgação colabora para sua depreciação lenta e gradual, uma vez que se transforma em modelo válido para todos. As codificações sociais do se bem-portar ao longo do século XVII tornando-se mais acessível, não marcando mais os privilégios de uma elite. Para Rainho (1995) o nivelamento de condutas representava um perigo para as classes mais abastadas, sendo assim, civilidade foi se transformando em simples sinônimo de polidez.

A codificação das normativas – a edição de livretos

A codificação das normativas de civilidade ganha forma através de edições de livros, que apresentavam de forma simples e estruturada conjunto normas: os Manuais de civilidade. Tal dispositivo destaca-se como responsável pela ampliação dos conceitos de civilidade. O início de suas publicações data, ainda, do século XVI. Tendo passado um século, ele já experimentava uma relativa popularização, especialmente através da “Biblioteca Azul”⁴.

Grosso modo, *A Civilitate morun puerilium* (*A Civilidade Pueril*) de Erasmo de Rotterdam (Desiderius Erasmus Roterodamus) é considerado o primeiro Manual de civilidade e tem datação de 1530. Vale salientar que *A Civilidade Pueril* consiste em breve tratado didático que veicula conhecimento amplamente compartilhado na Europa do início do século XVI (Revel, 1991). Sua base é uma “vasta literatura clássica, tratados de educação e fisiognomia, que vai de Aristóteles a Cícero, de Plutarco a Quintiliano” (REVEL, 1991, p.171). Robert Moses Pechman (2002), pontua que o primeiro Manual de civilidade consiste na codificação e na simplificação de obras que ganham forma de livretos a partir dos séculos XII e XIII na Europa – os chamados Tratados de Costumes e Tratados de Cortesias.

Norbert Elias (2001) acredita que o tratado respondia a uma necessidade da sociedade do século XVI, confirmada pela própria publicação do livreto. Era uma época de reposicionamento social e cultural, aquela sociedade em transformação necessitava de novos pontos de referência. Os usos das normas de civilidade através do impresso chamado Manual de civilidade se estenderiam por séculos.

Os Manuais de civilidade chegam ao Brasil através de publicações francesas e portuguesas no início do século XIX. Naquele momento, visualiza-se no Brasil, especificamente na cidade do Rio de Janeiro, a dita “boa sociedade” passar por um processo de paulatino polimento e adequação aos refinados costumes, gostos e trajés (Rainho, 2002). Com a chegada da família real portuguesa a “boa

⁴ Forma de edição de baixo custo. Surgida na França no século XVII permite a ampla divulgação e circulação de livros das mais diferentes áreas principalmente através dos vendedores ambulantes (Chartier, 1990, p.175).

sociedade” carioca utiliza Manuais trazidos do continente europeu com o intuito igualar-se a seus pares do ultramar (Pechman, 2002).

Em meados do mesmo século, os Manuais de civilidade são editados no Brasil. O *Código do Bom Tom* de 1845 e de autoria do cônego português identificado como J.I. Roquette é o primeiro deles (Schwarcz, 1999, p.199). No século XX, com a urbanização das grandes cidades, os Manuais de civilidade têm difusão consideravelmente ampliada no país. Sobretudo, na primeira metade do século XX percebe-se significativa edições destes manuais.

A transposição – dizer com o não dito

As normas de civilidade como contidas nos Manuais, de forma direta e esquemática, são transpostas a outros impressos. Outros suportes passam a apresentar regras de bem portar-se de maneira menos direta e estruturada: traziam preceitos de civilidade sem trazer – diziam com o não dito.

No Brasil, é principalmente visível tal transposição a partir da segunda metade do século XX. Estes outros impressos funcionavam como aporte textual e imagético de normas e preceitos caracterizadores de regras de civilidade (Cunha, 2005). Dentre estes suportes podemos listar um sem-número de revistas, reclames publicitários, romances, novelas, livros escolares, cartinhas. Trata-se de normativas apresentadas de maneira menos direta, mais sutil. As normativas de civilidade começam a ser amplamente transpostas ora no comportamento da personagem de um romance, ora nas atitudes das divas do cinema.

O papel empreendido pelas revistas e pelas colunas femininas na transposição dessa civilidade é inquestionável. Luciana Fornazari, pontua que no século XX estas revistas traziam as normas destinadas às mulheres de um devir desejado, idealizado (Fornazari, 2001, p.65). Carla Bassanezi (1999) problematiza nas páginas daquela que fora a grande revista brasileira de meados do século XX (Coelho e Rodrigues, 2002), *O Cruzeiro*, regras de comportamento femininos e

masculinos transversalizadas nas imagens e nos textos de dispares seções. A historiadora salienta, ainda, que tais regras não apenas marcavam um consenso social acerca da moral e dos bons costumes da época, mas, sobretudo promoviam valores de gênero, classe, raça de um momento histórico específico.

Vale salientar que ponto mais interessante de pensar a civilidade nas páginas da coluna *Garotas* do Alceu é que estas não tinham como principal função a disseminação dessas normas. As *Garotas* eram uma coluna situada dentro da seção de humor, que trazia historietas vividas e contadas por suas personagens. Em meio ao banho de mar, ao passeio ao jôquei club e às tardes de leituras as personagens de Alceu “ensinavam” às mocinhas de sua época como deveriam se comportar. Interpenetradas naquelas narrativas, aparentemente ingênuas, estavam contidas as normas, não menos rígidas do que as contidas nos tradicionais Manuais de civilidade.

As normas de comportamento estavam dispostas de forma indireta e não organizadas, ao contrário de como propostas pelos manuais. Nas páginas dedicadas às *Garotas* a civilidade estava diluída em traços e letras. Tão diluídas que possivelmente seu leitor e sua leitora nem se dessem conta delas. Assim como não nos damos conta de normas de comportamento propagadas por uma novela ou um filme. Mas elas estavam na coluna e continuam presentes em páginas de uma revista, nas narrativas de novelas, filmes e seriados. Essas narrativas têm muito mais importância do que ordinariamente se atribuiu a elas.

A civilidade – em muitas letras e alguns traços

A civilidade é do mundo da imagem ou do mundo do texto? Existiria então dois mundos segmentados? Não e não. Contudo, o ensinamento e a propagação dos preceitos de civilidade foram de forma mais regulamentada ensinados através de palavras: o ensino e a sistematização da civilidade fora feito pelas letras.

A imagem e a interação texto e imagem é ponto de destaque na forma de circularidade de normas de etiqueta na coluna *Garotas*. Boa parte dos Manuais de civilidade não eram ilustrados. Eram compostos apenas por letras. Letras, palavras, frases e textos que ensinavam diretamente qual era o comportamento mais indicado a ser seguido. As imagens, quando presentes, eram demasiadamente simples e tão-só compunham as páginas. Eram singelos traços em forma de linhas, às vezes linhas curvas. Eram asteriscos, eram estrelas.

Talvez seja o instinto de conservação que leva o mundo moderno a preocupar-se com a polidez como um dos valores da civilização, tanto mais precioso, quanto a civilização está gravemente ameaçada.

O que é polidez? – boa-maneira, se não um conjunto de deferências baseadas no princípio do respeito mútuo que devemos a nós mesmos, para fugirmos a uma série de dissabores e de ressentimentos, decorrentes da diferença de tipos de personalidades dos indivíduos, obrigados ao convívio diário dos seus semelhantes (...).

Através desses detalhes, da nossa maneira de ser em sociedade, é que o homem aprende como se dirigir a um superior, ou a um inferior, como tratar o rico ou o pobre, ao velho e a criança, ao funcionário e ao patrão, a sua mulher, a mulher do outro... e a um outro homem; a andar pelas ruas, a entrar em sua casa, ou em uma casa alheia (...).

São as velhas tradições, as únicas que, dentre esse princípio de respeito mútuo, nos pode inspirar o espírito de renúncias que nos devemos a nós mesmos, para a verdadeira doçura da alma (D'ÁVILA, 1958, p.19-21).

Estas palavras iniciam e apresentam um conhecido Manual de civilidade da década de 1950 no Brasil: Manual intitulado de *Boas Maneirase* escrito por Carme D'Ávila. Foram muitos os livretos que, como este, pretendiam ensinar o *savoir-vivre*, foram um sem-número de Manuais de civilidade editados em meados do século XX. Uma característica bastante singular dos livretos é a quase ausência da

imagem. Eles tinham quase sempre, é claro, suas capas ilustradas. No entanto, o miolo estava restrito às letras, ou seja, um amontoado de páginas cheias de palavras. Alguns traziam sim poucas, pequenas e esquemáticas ilustrações. Ilustrações que geralmente restringiam-se a demonstrar a colocação de talheres e copos ou de convidados à mesa. É significativamente também a esquematização de cartões de apresentação e de convites.

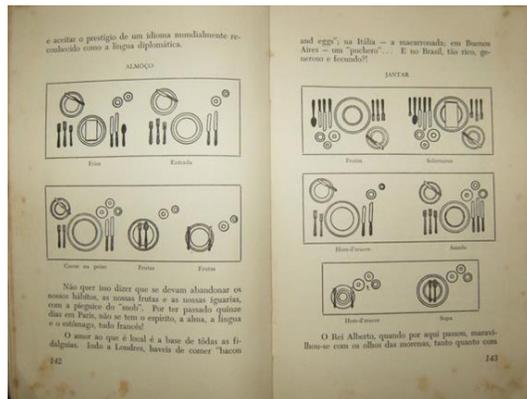


Figura 1 – Manual de Civilidade – Boas Maneiras Carmen D’Ávila. Ano 1958. Páginas 142 e 143

Na imagem acima (fig. 1) pode-se observar como usualmente a imagem aparecia nos Manuais de civilidade das décadas de 1950 e 1960 no Brasil. Geralmente estavam restritas a duas partes do livro de normativas: a mesa e as correspondências. Na seção referente à mesa, era ilustrada a maneira como se deveria compor a mesma. Trazia o local dito correto de se posicionar talheres e pratos dependendo do tipo de comida a ser servida. Quais os talheres e pratos indicados para servir carne, entrada, sopa, fruta, sobremesa. Como deveriam ser posicionados os utensílios em cada situação. Para tal propósito a imagem apresenta-se bem esclarecedora, e penso até mais didática. Provavelmente, foi olhando imagens como estas que inúmeras mulheres colocavam a mesa para jantares e almoços.

Cinco quadros, cada qual contendo cinco diferentes formas de colocar a mesa foram representados nas páginas 142 e 143 do

Manual de Carmen D'Ávila. Duas destas esquematizações imagéticas proprunham-se ao almoço, e as três outras ao jantar. Como elementos destacamos pratos, copos, grardanapos, talheres apresentados através de imagens bastante esquemáticas. Imagens bastantes similares podem ser vizualizadas em diversos de Manuais de civilidade.

Sublinhamos, rapidamente, que normativas de civilidade como estas não encontram correspondente na coluna *Garotas*. O mesmo não se deve ao fator que a coluna apresentava as normas de maneira mais ligeira e menos direta, e sim porque era uma coluna direcionada a jovens mulheres solteiras. Tal elemento merece singular destaque no que refere-se a civilidade. As normativas de comportamento percebidas na coluna *Garotas* referem-se, majoritariamente, a ao *savoir-vivre* de uma mulher solteira de “boa família”, que na época morava com seus pais.

Contudo, outras regras de civilidade eram muito caras a essas jovens mulheres, a essas *Garotas*, como por exemplo: a correspondência. Segunda situação em que se pode visualizar imagem em Manuais de civilidade: normas de etiqueta em correspondência, convites e cartões. De maneira geral, as imagens estavam também muito presentes no ensinamento da composição de cartões de apresentações e de convites de jantares, casamentos, noivados – que estes sim, muito interessavam às personagens de Alceu Penna.

Na imagem abaixo (fig. 2) pode-se perceber como essas imagens circulavam nas páginas dos Manuais de civilidade da época. Esta, especificamente, circulou no livro chamado *A Excelência das Boas Maneiras*, de Luiz Waldvogel (1967). Trata-se de imagem bastante simples e esquemática, sem conter nenhuma ilustração. Traz o desenho de um quadrado que representa um cartão de apresentação com seu devido conteúdo: nome e endereço do remetente. Faz-se importante pontuar que, apesar de pouco rebuscada, esta é uma das imagens que se apresenta com maior frequência nos Manuais de civilidade brasileiros do século XX. Trata-se de uma questão abordada sempre com abrangência em todos os livros do gênero na época, assim como em revistas e colunas. Na coluna, *Garotas*, do mesmo modo, circulou uma imagem consideravelmente próxima a esta.

Na coluna *Garotas participam e agradecem* (fig.3), que circulou na edição da revista *O Cruzeiro* de 28 de dezembro de 1957,

pode-se visualizar uma imagem bastante semelhante àquela do Manual de civilidade acima citada. Trata-se de um retângulo representando um cartão de agradecimento, o da coluna está com a ponta esquerda dobrada. Nele, constam dizeres impressos e manuscritos. Ambos os cartões têm propósitos diferentes, já que, o do livro é um cartão de apresentação e o da coluna, um cartão de agradecimento. Porém, os dois ilustram uma forma bastante recorrente de imagem portadora de normativas de civilidade.

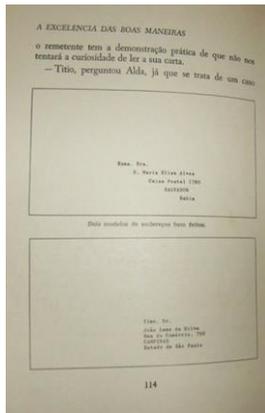


Figura 2 – Manual de Civilidade – A Excelência das Boas Maneiras. Ano 1967. Página 114.



Figura 3 – Coluna Garotas – Garotas participam e agradecem Revista *O Cruzeiro* de 28 de dezembro de 1957.

Um dos principais fatores que diferem as normativas de etiqueta editadas nos Manuais de civilidade das que estavam impressas nas páginas da coluna *Garotas* consiste no modo como ela circulava. As letras imperaram nos livretos de bom-tom desde a *Civilidade Pueril* de Erasmo, ainda no século XVI. Letras e palavras que permaneceram ensinando boas maneiras nos manuais de meados do século XX e continuam até os tempos de agora. Na longa duração do *savoir vivre*, é perceptível a prioridade do texto em detrimento da imagem. Um sem-número de impressos circularam pelos séculos que separaram os tempos de Erasmo do nosso. Muito provavelmente alguns traziam sim, imagens de maneira mais ampla. Entretanto, nos Manuais de civilidade que circularam no Brasil em meados do século XX a palavra imperou no mundo das boas maneiras. Seria ousado e prepotente afirmar que a coluna *Garotas* inovou neste sentido. A coluna estudada mostra-nos que a civilidade circulou em muitos outros suportes que não os antigos Manuais de civilidade. E, talvez mais interessante que perceber que a civilidade tenham circulado em outros impressos, seja o fato de perceber que ela circulou de maneiras distintas neles.

Na coluna assinada por Alceu Penna, as normas de bom-tom circularam nos textos, mas também circularam nas imagens, nos tracejados de Alceu Penna. Como pode-se perceber na imagem da página anterior (fig. 3) transmitia-se muito além do conteúdo textual por aquelas duas páginas. Transmitiam também uma forma de vestir, uma postura, etc.. A boneca de Penna segura a caneta com extrema delicadeza e elegância, seus ombros estão eretos e seu pescoço quase imóvel. Com uma roupa sóbria, uma camisa, ao mesmo tempo a jovialidade aparece na estampa floral. Unhas bem cuidadas e pintadas, rosto maquiado. Itens pouco chamativos à primeira vista, mas que marcam o cuidado com a aparência mesmo no âmbito do privado. Isto porque a coluna apresenta uma cenário provavelmente doméstico, no quarto, ou no escritório, da jovem moça.

A imagem, talvez de maneira mais sutil, traz normativas de comportamento tanto quanto o texto. A pedagogia pela imagem não é um fato original, muito menos um fato novo. Ao contrário, os antigos gregos e os romanos já utilizavam as imagens para o ensinamento da sua mitologia. Jean-Claude Schmitt (2007) assinala que o cristianismo, particularmente no medievo, utiliza-se largamente as

imagens para a pregação dos ensinamentos, a exemplo de gregos e romanos.

Através de gestos, posturas e trajés, as bonecas desenhadas pelo ilustrador mineiro ensinavam civilidade, por sua vez, eram apropriadas pela imaginação de homens e mulheres. É interessante pontuar que o imaginário produzido pelas *Garotas* possivelmente não estava apenas restrito ao mundo das boas maneiras, nem mesmo produziu imaginários apenas nas mulheres jovens daquela época. Primeiramente, como foi anteriormente colocado, a coluna não estava restrita à etiqueta. Trazia as normas diluídas em seus textos e imagens. Mas a coluna de humor de Alceu Penna pode ser considerada uma coluna de comportamento. De tal feita, o comportamento também pode ser situado dentro da civilidade, porém não se restringia a mesma. Em seguida, a coluna não era lida apenas por jovens mulheres. Era editada em revista de ampla circulação nacional, lida por homens e mulheres de várias idades, situações sociais e lugares do país. Mais do que isso, a coluna não se encontrava na seção de assuntos femininos de *O Cruzeiro*. Logo, seu público alvo não eram apenas garotas, mas também homens e mulheres.

As Garotas e a civilidade – entre o visível e o legível

Entre textos e imagens. Entre ilustrador e escritor. Assim eram compostas aquelas duas páginas semanais: a coluna *Garotas* entre o ver e o ler. Dos arranjos e das distribuições de traços e letras. Ilustrações que davam vida, cor e movimento aos textos. Textos que faziam com que as bonecas falassem. Textos que alegravam, que davam um toque de humor ao traço de Alceu Penna. A coluna estudada foi, e ainda é, lembrada por seus encantadores desenhos, mas eles não vinham sozinhos. Vinham acompanhados por versos e prosas. Essa simples e antiga associação entre letras e imagens também se fez presente na coluna. Páginas situadas entre dois mundos. Das *polianas* ao mundo do visível. Das suas falas ao mundo do legível. Diferentes formas, diferentes mundos: uma coluna.

Entre visível⁵ e o legível. “Entretanto, ainda que simples figura de linguagem [...], não deixa de ser verdade que uma página escrita é, por um lado, leitura e, por outro, quadro e visão; o legível e o visível têm fronteiras e lugares comuns, superposições parciais e imbricações incertas” (MARIN, 2001, p.19). Louis Marin elabora interessantes considerações acerca da problemática do termo leitura relacionado à imagem. Para o historiador da arte francês, o texto, antes de ser legível, é visível. Primeiro vemos um texto e, somente depois disso, deciframos seu código de escrita.

A palavra escrita não veio substituir a imagem. Ambas as formas de expressão vêm, há muito tempo, coexistindo de forma harmoniosa. Texto e imagem apresentam uma longa convivência. Essas duas histórias, ou melhor, essas duas formas de registros históricos, se confundem. Por isso, analisa-se a coluna *Garotas*, dentro desta perspectiva, dentro deste embaralhado de traços e letras.

Os textos vinculados à coluna *Garotas* não se apresentavam como explicação do material desenhado. Os textos apresentavam-se como complementares das imagens. As pesquisas realizadas visualizam que, no decorrer do tempo de publicação da coluna, mesclaram-se os termos ilustração e desenho para referir-se às imagens.

Imagens, no caso da coluna estudada, precediam aos textos, na confecção da coluna, algo nada corriqueiro na época. O convencional era o contrário. Usualmente as imagens funcionavam, e de certa forma ainda funcionam, como adorno do texto. Era assim com as iluminuras dos textos medievais, nos códices gravados pela prensa e posteriormente ilustrados. Era assim na imprensa brasileira de meados do século XX. As ilustrações geralmente eram traçadas depois da escrita da coluna. No entanto, acredito que, no caso da coluna *Garotas*, esta norma tenha invertido-se pelo fato dos desenhos de Penna “comandarem” aquelas duas páginas. Não que os textos

⁵ Neste trabalho separa-se o visível e o legível tal como defendera o historiador da arte Louis Marins (Marin, 2001). Utilizo a noção de legibilidade do texto, e a de visibilidade da imagem, assim como Louis Marin. Tal qual o historiador também acredito que entre textos e imagens existem fronteiras e lugares comuns. E é sobre essas fronteiras e esses lugares que pretendo tecer considerações nesta parte de minha narrativa histórica. Existem outras correntes teóricas, entre elas as de autores como Wolfgang Iser e Martine July que acreditam que uma imagem pode ser lida.

possam ser considerados menos importantes, mas, de fato, apresentavam-se como elemento de menor destaque na coluna. Deste modo, podemos considerar que o caráter ilustrativo na coluna *Garotas* não eram as imagens e sim os textos.



Figura 4 – O passinho das Garotas – Revista O Cruzeiro 27 de janeiro de 1951.p.38 e 39. Acervo: Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre/RS.

O andar das garotas é um vasto manancial de onde se pode haurir um mundo de deduções. Passinho miúdo, passo largo, pesadão, andar sereno de gaivota ao marchar buliçosa e provocante, o fato é que os homens todos vão no rastro delas, a às vezes se dão bem.

Se uma garotas é exemplar
ou se é muito boazinha
a gente logo advinha
pelo jeito de andar [...] (A.LADINO, 1951, p.39).

A coluna *O passinho das Garotas* (fig. 4) de 27 de janeiro de 1951 traz um texto com pequena introdução e seis versinhos sobre o andar de uma *Garota*. Descreve como pode ser o andar de uma jovem mulher: manso, pesado, miúdo, largo. Ao decorrer dos versos, o autor faz deduções da personalidade de moça, a partir de seu andar. Como no primeiro verso, no qual afirma-se que pode ser detetável, pelo andar, se uma menina é boazinha ou não. No segundo verso, uma interessante questão é colocada: o andar também pode enganar. Já que, ele pode ser estudado, ensaiado, pensado. O andar, como uma convenção social também pode ser civilizado. Este consiste em excelente exemplo – bastante sutil, mas sempre presente – da temática da civilidade na coluna. Civilidade que se encontra diluída, neste caso, na normativa sobre o andar. Uma boa moça, boazinha, não pode ter um andar largo, muito menos pesado. Seu andar deve ser leve e miúdo, como uma boa moça, moça de família. Ou seja, um andar que marque sua posição social.

Os desenhos da coluna também colocam o andar, e a postura do andar, como elemento central. As duas bonecas em primeiro plano – uma virada para outra – fazem pose delicada, divertida e leve. Ademais, nas quatro personagens apresentadas em tamanho menor, é visível esse apego pelo bom andar. Bem-trajadas e bem adornadas, com a pose sempre ereta parecem deslizar suavemente pelo papel em que se encontra a coluna.



Figura 5 – Mil Regras Ilustradas de Boa Maneiras, 1961. p. 56.

- Andar apressado além de deselegante, pode também causar encontrões, porque há sempre pessoas distraídas que leem na rua ou olham vitrinas. (...)
- É muito deselegante andar balançando os quadris.
- Procure ter os ombros direitos e andar com a cabeça ereta.
- Evite o vai e vêm dos braços.
- A graça feminina repousa no andar. Procure andar com elegância e desembaraço.
- Seja pontuais em seus encontros. Com isso evitará aborrecimentos aos outros e a si própria (NICKOL, 1961, p.54).

Na imagem acima (fig. 5) temos a página de um Manual de civilidade da década de 1960. O manual foi escrito por Maria do Carmo Nickol e intitula-se *Mil regras ilustradas de boas maneiras* (1961). O livreto destaca-se, uma vez que é um dos poucos Manual de civilidade ilustrado localizado durante pesquisa. Datado do ano de 1961 apresenta ilustrações de Edmundo Rodrigues. Curiosamente, o prefácio do livro, não faz alguma menção ao fato de ele propor uma nova forma de ensinar o bom-tom – através de imagens. O livreto organiza-se de maneira bastante semelhante aos demais Manuais de civilidade. Em seu sumário, consta organizado os temas abordados e as páginas em que eles se encontram. Os temas são amplos e variados, como nos demais títulos desse gênero.

No item *Cortesia e Civilidade*, consta o subitem *Incidentes comuns na rua*, *Regras de cortesia na rua* e *O modo de andar*. Nestes três itens, encontram-se, além de ilustrações, textos organizados em forma de pontos: objetivos, simples e diretos. Provavelmente esta obra propunha uma leitura mais dinâmica, rápida e leve. Entre esses 3 subitens, encontram-se 15 ligeiros dizeres sobre o caminhar.

Esse texto coloca premissas muito próximas das trazidas pela coluna *O passinho das Garotas*. Destaca a atenção que deve ser dada ao andar, em especial, da mulher, uma vez que, segundo o livreto, a graça da moça está na elegância que dá a seus passos. As imagens do manual, assim como as da revista, trazem mulheres muito bem-trajadas e, portanto, bastantes adornos – fator que marca a classe social elevada da mulher representada. As bonecas do livro, mesmo impressas em preto e branco e traçadas com um número menor de

detalhes, têm marcas sempre presentes nas *Garotas*: excelente postura, gestos delicados e leves.

As Garotas – imagem, civilidade e cotidiano

As imagens e os textos da coluna *Garotas* circularam no dia-a-dia de homens e mulheres daquele Brasil de meados do século XX. Para além de sua circularidade⁶ num dito cenário cotidiano, aquelas páginas também tratavam de temas relacionados a questões habituais. Sublinhamos aqui o interesse crescente de historiadores acerca de questões que versam o cotidiano, como as imagens de circularidade ordinária. “Porque as imagens mais comuns são provavelmente as mais representativas das tendências profundas da cultura de uma época, de suas concepções da figuração, de suas maneiras de fazer e de olhar esses objetos. Todas as imagens, em todo caso, têm sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos [...]” (SCHMITT, 2007. p.11).

Se as imagens comuns são as mais representativas de uma época, assim como escreve Jean-Claude Schmitt, as *Garotas* do Alceu representam muitíssimo bem aqueles anos dourados brasileiros. As bonecas traçadas por Alceu Penna eram imagens comuns, até corriqueiras. Mas, acredito que apresentam profundas tendências de ser mulher, urbana, jovem e de classes média e alta naquele Rio de Janeiro de outrora. Apresentam tais tendências especialmente em virtude da despreteniosidade expressada pelas imagens e pelos textos. Imagens carregadas de valores simbólicos de uma época. Imagens que pretendiam divertir e fazer rir homens e mulheres com simples historietas que se passavam naquela mesma época.

Pelas páginas da coluna *Garotas* do Alceu, ou *Garotas* de *O Cruzeiro*, problematizou-se duplamente a civilidade. Primeiramente

⁶ Utiliza-se aqui o conceito de circularidades de acordo com os escritos de Carlo Ginzburg. Ver mais em: GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

entre os Manuais de civilidade e uma coluna de revista. Em seguida, entre o legível, os textos e o visível, as imagens. De tal feitas, estas páginas ilustradas possibilitam a análise das normas de etiqueta de maneira menos direta e sistematizada, contudo não menos importantes e marcadas.

A coluna ensinava civilidade através de seus textos e suas imagens, no entanto, também produzia um imaginário sobre o feminino da época. Imaginário construído com base, segundo o próprio Alceu Pena, nas *Garotas* de carne e osso daquela época (Júnior, 2004). *Garotas* de carne e osso, *Garotas* reais, que, na coluna, foram transformada em *Garotas* de papel.

Através dos traços e das letras da coluna *Garotas* podemos visualizar um cenário brasileiro de meados do século XX, muito bem tracado por Penna. Temos as normativas de civilidade que começam a ganhar contornos na imprensa periódica brasileira. Temos, também, uma juventude urbana brasileira que marca principalmente o pós-segunda guerra. Na época o país alcança avanço econômico situado num período de marcante política nacional (Kornis, 2005). A República Nova levou mais uma vez brasileiros, e agora também brasileiras às urnas (Barros, p.27). Foi uma época de redemocratização. Época de presidentes da República com grande apelo popular (D'araujo, 1999), época de populismo, de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek. O pai dos pobre, o presidente bossa nova (Gomes, 2002) ainda tão presentes no imaginário popular.

Época da República Nova, da Bossa Nova, do Cinema Novo, eram os anos de ouro⁷. Época em que os termos “novo” e o “moderno” ganham singular destaque em especial na publicidade do país (Figueredo, 1998). Época em que de amadurecimento da cultura de consumo, segundo Renato Ortiz (2006). Época, segundo o mesmo autor, em que se pode começar a pensar em uma cultura popular de massa brasileira. Renovação cultural que marca, em especial, as classes médias e altas do período. Um período interpenetrado pelo

7 A terminologia breve século foi utilizada por Eric Hobsbawm para designar o século XX. Segundo o historiador inglês este século teria durado desde a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) até o final dos anos 1980, com o final da Guerra Fria (HOBSBAWM, 1998).

otimismo e pela esperança da sua população, que acreditava viver um período ímpar da história (Neves, 2001).

Apesar de estar inserida na seção de humor da revista *O Cruzeiro*, a coluna *Garotas* trazia muitas normativas de comportamento. Mais do que isso estavam diluídas naqueles textos e naquelas imagens normas de civilidade, as normas antes contidas nos Manuais de civilidade. Tão antigas e que não apresentam-se assimiladas ainda nos tempos de agora. E a coluna *Garotas* as trazia reverberadas em seus traços e em suas letras.

Referências Bibliográficas

- BASSANEZI, C. B. Mulheres nos anos dourados .In: PRIORE, M. D. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1999. p.324,350.
- BASSANEZI, C. B. e URSINI, L. B.O *Cruzeiro* e as Garotas. **Cadernos Pagu**, Revista do núcleo de estudos de gênero da Unicamp. Campinas, n.4, p.243-260, 1995.
- BURKE, P. **A fabricação do rei. A construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- CARVALHO, M. **Guia de boas maneiras**.São Paulo: Companhia Editora nacional, 1958.
- CARVALHO, L. M. **Cobras Criadas: David Nasser e O Cruzeiro**. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- CASTANHO, I. S. **Etiqueta social**. São Paulo: Editora Universitária Ltda São Paulo, 1952.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. **Leituras e leitores na França no Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

COELHO, A. e RODRIGUES, D. S. **Cadernos da Comunicação Série Memória. O Cruzeiro: a maior e melhor revista da América Latina.** Série Estudos, vol. 5, Rio de Janeiro, 2002.

CUNHA, M. T. S. História, educação e civilidades: A correspondência como um saber escolar na Escola Normal entre as décadas de 1930-1960. **Revista de Educação.** Revista do centro de Educação da UFSM. Santa Maria, v. 30, nº2, p. 121-138, 2005.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagem sobrevivente. História da arte e tempo dos fantasmas segundo AbyWarburg.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ELIAS, N. **A sociedade de Corte. Investigação sobre a sociologia da realeza e a aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **O processo civilizador.v.1. Uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1994

FIGUEREDO, Ana Carolina Camargo Moraes. **Liberdade é uma calça velha azul e desbotada. Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964).** São Paulo: Hucitec, 1998.

FORNAZARI, L. **Gênero em Revista: Imagens de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra, 2001.** Dissertação (Mestrado em História) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GOMES, A. C. **O Brasil de JK.** Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2002.

GONÇALO, J. **Alceu Penna e as Garotas do Brasil: Moda e imprensa – 1933/1980.** São Paulo: CLUQ – Clube dos Quadrinhos, 2004.

GUEREÑA, J. L. **El alfabeto de las buenas maneras. Los manuales de urbanidad em la España Contemporanea.** Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipéres, 2005.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das letras, 2006.

KORNIS, Mônica Almeida. **A era da Bossa Nova: Anos Dourados?** Revista Nossa História. São Paulo, nº23, ano II, p.26-29, set. 2005.

MARINS, L. **Sublime Poussin**. São Paulo: Edusp, 2001.

MIRANDA, J. T. **Boas Maneiras: e outras maneiras**. São Paulo: Bestseller Importadora de Livros S.A., 1965.

MORAIS, F. **Chatô: O rei do Brasil, vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NEVES, Lucília de Almeida. **Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil (1945 – 1964)**. In: FERREIRA, Jorge (org.). **O Populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

NETTO, A. **O império de papel. Os bastidores da revista O Cruzeiro**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

NICKOL, M. C. **Mil regras ilustradas de boas maneiras**. Rio de Janeiro: Edições de ouro, 1961.

ORTIZ, R. **A Moderna tradição brasileira**. São Paulo: Editora Ática, 1980,

PECHMAN, R. M. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

PENNA, G. O. **Vamos Garotas! Alceu Penna: moda, corpo e emancipação feminina (1938-1957)**, 2007. Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte). Centro de Moda, SENAC, São Paulo.

RAINHO, M. C. T. **A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

_____. **A distinção e suas normas: leituras e leitores dos manuais de civilidade – Rio de Janeiro, século XIX. Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, v.8, número 01/02, janeiro/dezembro, 1995.p. 139,152.

REVEL, Jacques. **Os usos da civilidade**. In: CHARTIER, R. (org.). **História da Vida Privada, v. 3**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p.169-209

ROTTERDAM, E. **A civilidade Pueril**. Lisboa: Estampa, 1978

ROUVILLOIS, F. **História de la cortesía: de 1789 a nuestros días.** Buenos Aires: Claridad, 2008.

SERPA, L. **A máscara da modernidade: A mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945).** Passo Fundo: Editora UPF, 2003.

SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1999.

SCMITT, J. C. **O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média.** Bauru/SP: EDUSP, 2007.

WARBURG, A. **História da Fantasma para gente grande.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

RECEBIDO EM: 01/08/2016
APROVADO EM: 04/11/2017